

# Materializações de “Marie”, a Dançarina



**Ernesto Bozzano**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

Ernesto Bozzano  
Materializações de “Marie”, a dançarina,  
com a médium Florence Cook

*Título Original em Italiano*  
*Ernesto Bozzano - Le materializzazioni di "Maria la danzatrice" nelle*  
*esperienze con la Florence Cook - Roma (1927)*



Camille Pissarro - Entrance to the Village of Voisins



Conteúdo resumido

Esta monografia de Ernesto Bozzano enfoca a materialização do espírito Marie através da mediunidade senhora Florence Cook.

## Materializações de “Marie”, a dançarina, com a médium Florence Cook

A longa carreira profissional da médium Srta. Florence Cook (depois Sra. Elgie Corner) divide-se, distintamente, em duas fases bem diferentes de notoriedade pessoal e fenomênica. De fato, tornaram-se clássicas e famosíssimas as materializações do espírito de “Katie King”, começadas quando a médium era uma jovem de apenas 18 anos de idade e prosseguiram durante 3 anos seguidos. Ao contrário, caíram no esquecimento as materializações de um espírito que sucedeu a “Katie King”, depois que esta, anunciando o fim de sua missão na Terra, se despediu da médium e de Sir William Crookes numa sessão memorável, cessando as suas manifestações para sempre.

Reconheço que o esquecimento da longa série de manifestações de “Marie”, a dançarina, encontra a sua justificativa no fato de serem tais manifestações bem menos interessantes do que as anteriores, quer pelo temperamento incivil e vulgar da entidade que se manifestava, quer porque se prestavam a suspeitas de fraude sempre renovadas, devido ao revezamento de experimentadores inexperientes que não podiam imaginar que os “espíritos de defuntos”, quando viveram em um ambiente social pouco evoluído, continuavam a se manifestar mundanos e pouco evoluídos, como o foram na vida terrena. Tais suspeitas foram agravadas pelo fato de ter-se o referido espírito apresentado muitíssimo parecido com a médium, apesar de diferenciar-se dela pelas proporções do corpo, alto e formoso, em contraste com o corpo da médium, pequeno e magro. Daí resultou que as manifestações de “Marie”, a dançarina, faziam a pobre médium sofrer martírios e amarguras<sup>1</sup> sempre renovados, que certos pesquisadores incompetentes lhe infligiam com acusações destituídas de qualquer fundamento e isso apesar de ter a médium constantemente exigido severo controle – ser despida, examinada e amarrada – e a despeito de terem sido as sessões realizadas quase sempre em casas alheias com o fim de impossibilitar a ajuda de “companheiros ocultos”.

Antes de expor, resumidamente, os principais eventos das materializações de “Marie”, acho útil recordar, como também nas materializações de “Katie”, que foi amiúde observada (mas nem sempre) a circunstância teoricamente embaraçante de sua semelhança com a médium. O Sr. William Harrison, diretor de *The Spiritualist*, pediu, certa vez, explicações a “Katie” sobre a razão de tal semelhança e esta assim lhe respondeu: “Não posso impedi-lo. Quando as circunstâncias não são favoráveis, a força organizadora da médium sobrepuja a força de minha vontade e então o meu rosto assume, mais ou menos, a aparência do da médium. Não posso impedi-lo de modo algum.”

Este esclarecimento de “Katie King” parecerá concludente a todo aquele que possuir noções relativas ao assunto, o que não impede que a mesma encerre um enorme mistério ligado ao problema do Ser. É fato que todos os seres organizados, nos três reinos da natureza – vegetal, animal e hominal – cresçam, se desenvolvam e assumam a forma que lhes compete por efeito de uma misteriosíssima “força organizadora”, força esta que dirige e obriga as moléculas químicas a se disporem de forma a modelar uma dada individualidade organizada, prodigiosamente complexa. Só atualmente e até certo ponto é que se começa a penetrar no grande mistério mais profundamente e isto graças às investigações chamadas “formas arquétipos”, que se mostram aos videntes nos processos de desenvolvimento orgânico, processos por eles observados nas espécies pertencentes aos três reinos da natureza, “formas arquétipos” pela primeira vez por mim salientadas e mostradas em dez páginas de comentário ao caso XXX de minha obra intitulada *Dei fenomeni di apporto*.<sup>ii</sup>

Ora, baseado nessas pesquisas, deve-se inferir que tudo concorre para fazer presumir que tais “formas arquétipos” preexistem aos processos e daí a constituição da “trama” sobre a qual se exerce a “força organizadora” e talvez dever-se-ia acrescentar que as “formas arquétipos” tenham a sua origem em uma espécie de misteriosíssimo “viveiro cósmico que contém, em potencialidade, todas as formas”, que, pela lei da afinidade, seriam atraídas para todo nascimento de germes fecundados nos três reinos da natureza, ao passo que a “força

organizadora”, que lhes é inata, exercendo-se ainda e sempre pela lei da afinidade, forçaria as moléculas químicas a gravitarem e a se fixarem no ponto preciso que lhes compete na trama preexistente da “forma arquétipo”.

Querendo aplicar esses conhecimentos novíssimos ao problema em exame, referente aos processos das materializações mediúnicas, dever-se-ia dizer que o poder da “força organizadora”, inerente ao médium e inata à “forma arquétipo” correspondente, justificaria a enorme dificuldade para uma entidade desencarnada alcançar, inteiramente, o fim de materializar sua própria forma, servindo-se da substância extraída da “forma arquétipo” do médium. Somente em condições de um ambiente excepcional e homogêneo poderia o desencarnado alcançar completamente o seu objetivo. E é isto o que demonstra a mediunidade de Florence Cook, à semelhança de outros médiuns de efeitos físicos; contudo não generalizemos, esquecendo que, por vezes, se verificam condições excepcionais de ambiente que tornam possível alcançar o objetivo. Recordo, a propósito, o médium polonês Franek Kluski, com o qual o saudoso doutor Gustave Geley experimentou por muito tempo. Com tão potente médium de efeitos físicos não se verificou nenhuma semelhança entre o seu rosto e os dos espíritos materializados que constituíam imponente variedade: masculinos, femininos e infantis, de espíritos que, amiúde, se exprimiam em línguas ignoradas de todos os presentes.

Observo ainda que esses novíssimos conhecimentos também seriam úteis para elucidar o misterioso processo da materialização, por meio da qual se assiste à concretização e à dissolução, quase instantânea, de espíritos solidamente construídos, prodígio que, de certo modo, se tornaria mais compreensível no caso que se realizasse sobre a base da presença das “formas arquétipos” preexistentes, as quais, servindo de tramas às miríades de moléculas lançadas em movimento vertiginoso, as obrigassem, pela lei da afinidade, a gravitar para o ponto preciso em que deveria fixar-se nas formas materializadas para depois reentrar e fixar-se no organismo do médium. Repito que, em tal caso, o prodígio pareceria mais compreensível porquanto a condição de exteriorização auxiliaria a

compreender que tudo isso pode realizar-se, em ordem perfeita, mesmo em curto tempo.

Não é, porém, chegado o momento de estender-se em torno do fascinante assunto sobre a existência das “formas arquétipos”, fundamento de todo processo organizador, que não devem ser confundidas com o que se entende por perispírito, visto que esta última denominação se refere ao “invólucro do espírito”, ao passo que as “formas arquétipos”, sendo comuns aos três reinos da natureza e preexistindo aos organismos criados, originariam – para assim me exprimir – as “Arcas da Vida” e não ainda os “Tabernáculos do Espírito”.

Não podendo estender-me mais sobre o tema em questão, recomendo a leitura de meu supracitado trabalho, Fenômenos de Transporte, aos que desejarem conhecer melhor o assunto.

Voltando a “Katie King”, observo como ela, amiúde, quando eram favoráveis as condições de ambiente, diferia totalmente da médium, o que deveria bastar para confirmar as explicações por ela dadas a respeito e ainda para disso inferir a intervenção de uma personalidade espiritual, ou, se o quiserem, de uma “forma arquétipo” extrínseca à médium, ao mesmo tempo em que, de outra parte, a independência espiritual da personalidade em apreço já parecia manifesta quanto aos característicos de seu temperamento e de sua intelectualidade, ambos radicalmente diferentes dos da médium.

A Sra. Florence Marryat descreve nestes termos, em sua obra *There is no death* (Não há morte), um interessante episódio em que “Katie King” pôde manifestar-se tal qual fora em vida:

“Certa noite “Katie” saiu do gabinete mediúnico e veio sentar-se nos meus joelhos, o que me deu oportunidade para verificar o quanto mais formosa e menos pesada era que a médium, mas, em certas ocasiões, se parecia muito com ela. Disse-lhe isto, ela encolheu os ombros e respondeu-me: “Bem o sei, mas não posso impedi-lo. De qualquer modo, fui bem mais formosa na existência terrena. Chegará o dia em que lho provarei.” Reentrou no gabinete, espreitou às ocultas por uma fenda da cortina e me pediu que me

aproximasse. Assim o fiz e ela me levou para o interior do gabinete. Observei que as cortinas eram muito transparentes e permitiam que a luz do gás iluminasse suficientemente o seu interior. A médium Florence Cook estava deitada num colchão e mergulhada em profundo sono. “Katie” desejava ansiosamente que eu me certificasse de sua personalidade, insistindo para que eu a tocasse, a apalpassem, lhe apertasse as mãos e puxasse os cabelos. Depois me perguntou: “Está bem certa de se achar na presença de minha médium?” Respondi-lhe que estava absolutamente certa disso e ela assim prosseguiu: “Observa-me agora. Olha meu rosto tal como foi em vida terrena.” Dirigi o olhar para a forma que estivera sentada no meu colo e, extremamente maravilhada, distingui o vulto de uma jovem formosíssima, de grandes olhos azuis ou cinzentos, pele alvíssima, abundante cabeleira avermelhada. “Katie” parecia enlevada com a minha surpresa e sorriu, perguntando-me: “Porventura não sou mais bonita do que a minha Florice?” Levantou-se em seguida, apanhou uma tesoura de cima da mesa, cortou uma madeixa dos seus cabelos e outra dos da médium e me entregou as duas. Os cabelos da médium são quase pretos e pareciam macios como seda, ao passo que os de “Katie” são de um vermelho dourado e áspero ao tato.”

A Sra. Marryat, que, como Crookes, assistiu à última e emocionante sessão em que “Katie King” se despediu dos seus amigos do mundo terreno, ainda assistiu às primeiras manifestações de “Marie”, a dançarina, e, na sua narração, descreve nestes termos a memorável sessão:

“A cena do último adeus foi emocionante como acontece quando nos separamos de entes amados nos seus leitos de morte.

“Katie” parecia não querer partir e sempre se voltava para contemplar ainda uma vez os caros amigos que deveria deixar, mas o fazia especialmente por sua amizade a William Crookes, a quem muito se afeiçoara, como ele a “Katie King”. O que ela havia dito a respeito de sua partida definitiva realizou-se efetivamente, porque,



depois daquele dia, Florence Cook não mais a viu e nada mais soube sobre ela.

“Katie” foi imediatamente substituída por outra forma materializada, que se deu o nome de “Marie”. Esta dançava e cantava de maneira classicamente profissional, habilidade que a Srta. Cook não possuía absolutamente. Não teria mencionado esta nova manifestação – que poucas vezes vi – se não me sentisse no dever de fazê-lo pelo seguinte motivo:

Certa vez em que a Srta. Cook se prontificou a realizar uma sessão no salão da National British Association of Spiritualists, um moço inexperiente, de nome George Sitwell, insinuou que a médium mistificava e que o espírito de “Marie” era a própria médium, vestida de branco para enganar os outros. A notícia foi logo acolhida pelos jornalistas e toda a imprensa do país acusou a médium e os espíritas...

Em uma sessão subsequente, que deveria realizar-se no mesmo local, a Srta. Cook exigiu a presença de um dos assistentes no gabinete mediúnico, sem o que não faria a sessão, e eu fui a escolhida. Devo acrescentar que fui solidamente amarrada à médium e que assim permanecemos durante a sessão inteira, o que não impediu que “Marie” se materializasse, dançasse e cantasse fora do gabinete, como havia feito antes na presença do dito George Sitwell e isto, repito, durante o tempo em que eu e a médium estivemos bem ligadas uma à outra. E foi quanto bastou para aconselhar os sabichões do grande salão a serem prudentes quando se pronunciassem a respeito de assuntos que não conhecem...”

Naturalmente que a alegre notícia, referente à prova resolutória a que a médium foi submetida e em virtude da qual emergiu triunfante a sua inocência, bem como a independência do fantasma materializado de “Marie”, foi logo acolhida e divulgada pelas revistas espíritas, mas já se compreende que a imprensa jornalística, que divulgara rapidamente a notícia da suposta mistificação, absteve-se, rigorosamente, de acolher a intempestiva notícia que desmentia a acusação feita.<sup>iii</sup>

Como quer que fosse, transcorreram alguns anos sem que se renovassem as suspeitas de fraude, mas, em contraposição, e especialmente devido a uma série de experiências realizadas em Paris e Berlim, surgiu a hipótese de “desdobramento materializado” da médium e, não obstante ter tudo concorrido para demonstrar que dita hipótese era insuficiente para explicar o conjunto dos fatos, fácil não foi refutá-la e isto pela falta de provas adequadas de identificação pessoal combinada com a circunstância da semelhança entre o rosto da forma materializada e o da médium, semelhança que, todavia, pelo menos uma vez, não foi verificada, como veremos mais adiante.

Deve-se, contudo, reconhecer que “Marie” bem pouco revelava a respeito de sua vida terrena, limitando-se a informar que nascera na Argélia, exercera a profissão de bailarina e cantora em teatros de variedades e falecera na flor da idade. A sua morte, porém, ocorrera havia alguns anos e, como vivera obscuramente, tornava-se impossível verificar-lhe a identidade. Expressava-se, todavia, em um patuá francês falado pelos nascidos na Argélia e esta última circunstância assume certo valor probatório.

Inútil é seguir, no presente trabalho, as dolorosas alternativas do calvário mediúnico de Florence Cook por causa das materializações de “Marie”, a dançarina, e tanto mais desaconselhado parece fazê-lo porque as manifestações em questão se sucederam por dez anos, sempre com as mesmas modalidades de exteriorização, isto é, que, depois de uma demora mais ou menos longa, “Marie” se materializava, saía do gabinete, dançava e cantava quando o podia ou dirigia aos presentes algumas frases no mesmo patuá para depois voltar ao gabinete e desaparecer.

Resulta daí que a reprodução de narrações de sucessos sempre iguais se tornaria sumamente monótona, o que naturalmente não significa que essa longa série de experiências não sejam dignas de ser estudadas em suas mais minuciosas particularidades, das quais se poderiam colher verdades altamente instrutivas acerca do poder de sugestão das pessoas céticas e hostis relativamente à conduta inconsciente dos médiuns em transe.

Para evitar a monotonia, limito-me a repetir a parte substancial de uma boa sessão em que se encontram todas as modalidades com as quais se manifestava “Marie”, a dançarina.

Extraio a narração do livro da marquesa Townshend of Raynhal True Ghost Stories (Verdadeiras histórias de fantasmas) e o relator é o conhecido e autorizado metapsiquista inglês Sir Ernest Bennett, sócio fundador da Society for Psychical Research, de Londres. Ele, metuculoso partidário dos métodos científicos das pesquisas psíquicas, que exigem provas e mais provas antes de pronunciar-se a respeito, se absteria de publicar, nos seus Proceedings, a narração da única sessão à qual assistira com Florence Cook, mas logo permitiu que a Sra. Townshend a incluísse em seu livro.

Como é extensa a dita narração, condenso, em poucas palavras, o caso de que se trata.

Há trinta e cinco anos, achando-se Sir Ernest Bennett na residência da propriedade agrícola de Lady B. H., senhora pertencente à alta aristocracia inglesa, pediu esta a Sir Bennett que arranjasse um médium em Londres para fazer algumas experiências ali. Ele não queria, mas, para não mostrar-se indelicado, lhe disse que conhecia uma autêntica médium de nome Florence Cook e aconselhou-a se devesse convidá-la como hóspede e não como médium.

Assim se fez e Florence Cook foi bem acolhida por um grupo de pessoas cétricas e completamente novatas no assunto. Já ao contrário, Sir Bennett era bom conhecedor das experiências psíquicas e dispôs-se a tomar as mais minuciosas medidas de fiscalização, que, de resto, haviam sido pedidas pela própria médium. Assim sendo, duas senhoras do grupo despiram-na, examinaram-na e depois a vestiram com outras roupas. Posteriormente Sir Bennett ligou-a solidamente à cadeira, pelos braços e pernas, por meio de um feixe composto de filamentos soltos de seda, filamentos esses que tornavam impossível desatar os nós em plena obscuridade. Terminados todos os preparativos, os experimentadores foram colocados em semicírculo, de modo a cercar o gabinete mediúnico improvisado com duas cortinas, em um canto da sala. Sir Ernest Bennett

sentou-se à direita e um doutor cético à esquerda da médium, que ficava no gabinete, mas com as cortinas abertas.

A narração assim prossegue:

“A médium não tardou em cair no estado de “transe”. Reclinou a cabeça e subitamente ficou inconsciente... O aposento estava fracamente aclarado por uma lampadazinha vermelha que iluminava os vultos dos experimentadores... Previamente Florence Cook havia pedido e conseguira a promessa formal de não tocarem as formas materializadas...

De repente abriram-se as cortinas do gabinete mediúnico e surgiu uma curiosa figura humana com um turbante na cabeça, túnica e calças largas à oriental, presas abaixo dos joelhos. As pernas e os braços estavam nus e a figura parecia indubitavelmente a de uma mulher. Saiu e voltou imediatamente no gabinete; depois, adquirida a força suficiente, reapareceu defronte dele, fechando-lhe as cortinas atrás de si.

Ainda não estavam os experimentadores refeitos da enorme surpresa provocada pela aparição de tão singular figura, quando essa começou a falar em francês, informando que se chamava “Marie”, que nascera na Argélia e que em vida fora bailarina. Essa forma materializada revelou-se logo uma personalidade pouco séria e nada espiritualizada. Conversava voluvelmente na sua gíria francesa e espantava os experimentadores ao executar ousados giros de dança peculiar ao ambiente argelino. Em seguida, como se tomada por súbita timidez ou outro motivo, precipitava-se para dentro do gabinete, onde ficava durante longo tempo.

A impressão que ela produziu nos experimentadores foi a mais desastrosa, visto que o que haviam presenciado não se harmonizava absolutamente com a idéia que tinham sobre a volta dos defuntos do plano espiritual. Essa forma materializada se mostrava em aspecto florido, na forma mais vulgar do termo, tal como deveria ter vivido na Terra, e o mais benévolo dos presentes não a teria certamente descrito como a simpática “Marie”, visto que, por outro lado, se revelava, visivelmente, teimosa e temperamental; todavia,

quando melhor se certificou do temperamento dos experimentadores, dignou-se de se aproximar de um deles, oferecendo-lhe um aperto de mão. O favorecido com tal oferecimento não ousou rejeitá-lo e longo e vigoroso foi o aperto de mãos. Esse homem informou depois aos assistentes que a mão que apertara lhe parecera realmente de carne e osso.

Sir Ernest Bennett não conseguiu explicar a gênese de semelhante personalidade e, para fazer alguma investigação, pediu a “Marie” que lhe mostrasse o seu próprio pé. Tal pedido, um tanto indiscreto, irritou a dançarina que, com maus modos, o afastou de sua presença, dizendo-lhe, sem rebuços, a opinião que dele formara, por meio de uma gíria bem expressiva. Sir Bennett, porém, sem perder a linha, conseguiu examinar minuciosamente o pé de “Marie”, que, não sendo precisamente o da célebre bailarina Trilby, era, todavia, um pezinho bem modelado. Essa inspeção foi acompanhada de fortes protestos de “Marie”, que finalmente declarou que ia retirar-se definitivamente, visto estar enfiada de todos: “Je suis fatigué à mourir de ces mornes vrais types anglais”.

Sir Bennett replicou então: “Assim que você entrar no gabinete, eu a seguirei.” Esta declaração provocou uma série de desaforos sobre ele. Lady B. H. ficou impressionada e lembrou a Sir Bennett que ele e os demais assistentes haviam prometido não tocar na forma materializada, mas ele lhe respondeu: “Só prometi não tocá-la, mas não prometi que não a seguiria.” Enquanto durava essa breve disputa, passou a oportunidade de seguir a forma materializada de “Marie”, que penetrou no gabinete e, quando Sir Bennett se precipitou em direção ao mesmo, só vislumbrou Florence Cook rodeada pelos cordões de seda, com os nós intactos e mergulhada em profundo transe. “Marie” havia desaparecido, como se tivesse afundado no chão. E todos se perguntavam: Para onde teria ido ela? Que fora feito dela?, visto que tiveram a ocasião de notar que entre “Marie” e Florence Cook grandes eram as diferenças de corpos e que não havia a menor semelhança entre o rosto de uma e o da outra.

Alguém sugeriu que “Marie” poderia ser um manequim de dimensões naturais, acionado, de forma incompreensível, por meio de fios, e que suas palavras eram pronunciadas por um ventríloquo, mas tal sugestão foi logo repelida pelo bom senso de todos. O médico cético sugeriu, por sua vez, que os experimentadores teriam sido hipnotizados à distância pela médium, da mesma maneira que os faquires indianos, porém Sir Bennett declarou que tal hipótese era absurda, visto não existirem exemplos de hipnotização coletiva, sem contar que, mesmo nos casos de hipnotização singular, a coisa sempre falha na primeira tentativa, especialmente por falta de consentimento do sensitivo, pelo que seria absurdo pretender que uma dúzia de experimentadores tivessem sido hipnotizados por uma pessoa estranha, que nem era vista por se achar oculta dentro do gabinete.

Em resumo: “Marie” permanece um mistério absoluto. E Sir Bennett a ela se refere como da mais estranha experiência em sua aventureira existência. E o problema se torna mais embaraçoso pela personalidade invulgar de “Marie”: rude, teimosa e xingadora. Poder-se-ia compará-la a uma personagem do ambiente descrito por Emile Zola em seus romances desenrolados em lugares de corrupção e vício. Mas quem a teria levado a Gloucestershire? E naquela noite onde foi ela parar?”

São estas as modalidades com as quais se manifestava o fantasma materializado de “Marie”, a dançarina, em um ambiente favorável. Noto, especialmente, que na narração feita há a particularidade excepcional de os experimentadores terem tido a oportunidade de observar que não existia a menor semelhança entre o rosto da médium e o da forma materializada, particularidade que penso ter sido a única conseguida na longa série de experiências. De qualquer modo, saliento que a verificação desse fato, teoricamente importantíssima, se verificou tanto no caso de “Marie” como no de “Katie” e, assim sendo, dever-se-ia concluir, também desta vez, em favor da independência dos fantasmas materializados.

Firmado este ponto, observo que o que surpreende, principalmente na narração acima, é o grande contraste existente entre a natureza vulgar e incivil da personalidade de “Marie” e a nobreza do caráter de “Katie”, não obstante terem-se as duas exteriorizado com a mesma médium e em sucessão imediata. Tal fato nos leva a concluir pela completa independência espiritual de ambas as formas materializadas entre si, bem como pela inexistência de ligação com a personalidade psíquica da médium, ao mesmo tempo em que nos induz a concluir ainda que Sir Ernest Bennett tinha razão quando comparou “Marie”, a dançarina, às personagens dos romances de Emile Zola, que ele tirou das baixas camadas da sociedade. Efetivamente, considerando-se verdadeira sua informação acerca de seu próprio passado, então se torna indubitável o acerto da comparação feita, visto que o ambiente em que vivem as bailarinas não é certamente um ambiente moralmente elevado e socialmente perfeito. E uma vez admitido isto, estas considerações justificam o modo de agir da forma materializada, de modo que também não erraram os experimentadores quando tiveram dela uma impressão moralmente desastrosa. Por que moralmente desastrosa? Esperavam eles, porventura, devessem regenerar-se, como por encanto, os espíritos de defuntos simplesmente pelo fato de terem desencarnado, de terem ido para o mundo espiritual, transformando-se moralmente em modelos de virtudes mesmo quando tivessem vivido em um ambiente de vício? Não lhes farei a injustiça de considerá-los capazes de conclusões tão irracionais, limitando-me a observar que, em seu juízo, eles se comportaram como se o tivessem acreditado, porque, em caso contrário, deveriam ter concluído que assistiram à manifestação de uma personalidade materializada, que, em vida, pertencera à camada inferior da sociedade, ou, se o quiserem, talvez melhorada em algum defeito moral que não aparecera em suas manifestações. Em outras palavras: basta o bom senso para se entender que um espírito desencarnado, moralmente inferior, somente consegue purificar-se, aperfeiçoar-se, redimir-se, em conseqüência de uma longa e laboriosa sucessão de provas de ordem espiritual.<sup>iv</sup>

Ao contrário, no caso de “Katie King”, que fora filha de um corsário inglês e levava uma vida que não se pode calcular, compreende-se que

suas condições espirituais, já notavelmente evoluídas, estavam em relação com sua permanência de alguns séculos no mundo espiritual, de modo que teve longa oportunidade de evoluir, entregando-se a tarefas laboriosas e obras meritórias, como essa agora no mundo terreno, mostrando aos viandantes extraviados no caminho áspero da Terra a estrada reta da vida e dando-lhes a mais completa prova da sobrevivência da alma. Enfim, “Katie” afirmara que o objetivo de suas materializações constituía para ela uma última missão a cumprir na Terra, missão destinada a trazer sua contribuição de provas, baseadas em fatos, para demonstrar que o espírito sobrevive à morte do corpo.

De um outro ponto de vista, apresenta-se-nos um problema a resolver e é que as materializações de “Marie”, a dançarina, não somente não progrediram durante tantos anos de experiências, mas, ao contrário, retrogradaram lentamente nos últimos anos da carreira da médium, de modo que as boas sessões, como a que foi narrada, se realizaram exclusivamente nos primeiros anos de suas manifestações para depois degenerar, fazendo com que o fantasma de “Marie” raramente conseguisse manifestar-se integralmente. Efetivamente, faltava-lhe a desenvoltura dos outros tempos, não dançava mais, já não cantava nem falava e apenas conseguia manter sua forma por uns instantes. Ao contrário, se confrontarmos toda a série das manifestações de “Katie King” com as de “Marie”, verificaremos que, na primeira série, conseguida com a mesma médium e quando ela contava apenas 15 anos, os processos de materializações progrediram sempre nos três anos, tempo da duração das memoráveis experiências de Sir William Crookes e, no fim, o fantasma de “Katie” conseguiu tal excelência de organização materializada que chegou a ter um coração que pulsava regularmente, ao mesmo tempo em que revelava tal independência da médium que lhe permitiu mostrar-se ao lado dela, prestando-se a ser fotografada quarenta vezes e passeando pelo aposento de braço dado com Crookes e, finalmente, reunindo, em torno de si, os filhos dele e entretendo-os com o relato de acontecimentos de sua vida breve e aventureira. E tudo isso na residência do mesmo Crookes, em que a médium se hospedara por semanas inteiras, durante as quais não permanecera sozinha, nem de dia, nem de noite.<sup>v</sup>



Quais as razões de tão grande diferença entre a evolução triunfal da primeira série das materializações e a lamentável involução da segunda série, se a médium era a mesma? A resposta não é dúbia e reside no fato de que, nos três primeiros anos durante os quais se desenvolveram as experiências de William Crookes, ele e os componentes de seu grupo permaneciam sempre os mesmos, de modo que seus fluidos exteriorizados puderam harmonizar-se, sintonizar-se e fundir com os da médium, contribuindo eficazmente para reunir o máximo rendimento de que seria capaz a mediunidade dela.

E aqui se apresenta a oportunidade de reforçar estas considerações atinentes aos métodos de investigação experimental com o relato de um segundo exemplo do gênero, ocorrido na minha presença. Quando no “Círculo Científico Minerva”, de Gênova, depois de onze meses de experiências com a médium Eusápia Paladino, lembrei-me, subitamente, de propor a “John” a escolha, dentre os sócios do Círculo (que, em sua totalidade, já haviam experimentado com Eusápia), de pessoas que, por afinidade fluídica, melhor se prestassem a reforçar a potencialidade da médium, “John” acolheu a proposta com entusiasmo e obtivemos a mais extraordinária sessão de toda a carreira de Eusápia, sessão que se realizou em um aposento iluminado por um bico de gás e na qual se apresentaram, diante dos experimentadores, entre os quais o Professor Morselli, o Dr. Venzano e a minha pessoa, seis formas materializadas e perfeitamente formadas. Entre elas havia uma forma de mulher idosa, que trazia nos braços uma criança de tenra idade, cujos bracinhos envolviam a cabeça da forma feminina que beijou três vezes na fronte. Tudo isto, repito, em plena luz, com a médium visível através da abertura das cortinas, solidamente ligados os pés, as mãos e a cintura (pelo Prof. Morselli) e deitada em uma maca. A narrativa de tão memorável sessão foi publicada no 2º volume da obra do Prof. Morselli, *Espiritismo e Psicologia*, nele ocupando 66 páginas. Também indico o livro *Hipótese Espírita e Teorias Científicas*.

Estas são as conseqüências prodigiosas da harmonização fluídica nas sessões experimentais de efeitos físicos. Observa-se, pois, que, no caso de Florence Cook, a grande lei da sintonização entre os

experimentadores foi mantida durante os três anos em que “Katie King” se manifestou, ao passo que, ao contrário, essa lei foi totalmente negligenciada durante os vários anos em que “Marie” se manifestou, com a consequência de ter o revezamento de experimentadores, sempre novos, impedido a sintonização de fluidos, para o que é preciso um bom número de sessões sempre com os mesmos experimentadores, reunidos no mesmo aposento e nos mesmos lugares de sempre. E foi este o motivo pelo qual a forma materializada de “Marie”, a dançarina, não conseguia mais a excelência da organização anterior.

São estes os ensinamentos práticos que sugere o confronto entre as duas longas séries de manifestações materializadas conseguidas com a médium Florence Cook e de efeitos tão diferentes pelos resultados.

– 0 –

- 
- i Para René Sudre, Robert Tocquel e Robert Amadou, o espírito de “Katie King”, embora fotografado junto com a sua própria médium, era a Srta. Florence Cook, mormente por falarem o inglês. No caso já de “Marie”, a dançarina, esta falava um dialeto argelino, ao que supomos uma mistura de francês e árabe. (N. T.)
  - ii Essa obra de Bozzano foi por mim traduzida sob o título de *Fenômenos de Transporte*, visto haver transporte de fora para dentro (*apport*) e de dentro para fora (*asport*). (N. T.)
  - iii Naquela época havia os Sudres de todas as nacionalidades, como os Quevedos de hoje. Negar, negar, negar sempre... a verdade. (N. T.)
  - iv A entidade que se manifestou com o nome de “Katie King” teve quando na Terra o nome de Annie Owen Morgan e fora uma filha espúria do pirata Henry Owen Morgan, que se manifestava com o nome de “John King”. Talvez fosse o motivo acima que a levasse a não querer recordar sua vida terrena. (N. T.)

- 
- <sup>v</sup> Segundo Robert Tocquet, em *Os poderes secretos do homem*, pág. 419, “o médium de Katie King era uma cínica e hábil farsista” e isto desde tal idade. Pelo que se vê, os parapsicólogos julgam os outros por eles, em sua ojeriza pelos espíritos e médiuns. E há espíritas bem conhecidos que, apesar de tudo, se tornaram parapsicólogos, como se o termo espírita já fosse deprimente para eles. (N. T.)